

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**O Sagrado na Terra do Trabalho: memórias e narrativas de experiências
religiosas afro-brasileiras em Joinville/SC**

Gerson Machado*

Resumo: Este trabalho discute, a partir da coleta de depoimentos orais, as narrativas de dois membros do candomblé, em Joinville/SC. Destacamos suas trajetórias religiosas e o significado construído por eles em torno dessa religião, em diálogo com o espaço urbano. Dessas narrativas evidenciam-se, sobretudo, zonas de tensionamentos, conflitos e acomodações, próprias de um espaço moderno e fluído, potencializado pelo intenso crescimento econômico e populacional que a cidade passa a vivenciar, a partir da década de 1960, com a expansão das indústrias e a necessidade sempre crescente de mão-de-obra. As mudanças daí decorrentes possibilitaram, entre outros aspectos, novas formas de sociabilidades e de experiências religiosas, contribuindo, assim, para uma fruição diversificada da cidade.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras – Candomblé - História de Joinville/SC

Abstract: this work we analyze narratives by two Candomblé members in Joinville/SC, collected in oral form. We stress their religious paths and the meaning associated by them to this religion, linked with the urban space. These narratives show evidences regarding tensions, conflicts and accommodations, typical from a modern and fluid space, potentialized by the great economic and demographic growth, since the sixties, consequences of the industrial expansion and labour demands. The consequent changes have made possible, among other things, the appearance of new forms of sociability and religious experiences, contributing to the city's fruition diversity.

Key-Words: Afro-Brazilians religions - Candomblé - History of Joinville/SC

Apresentação

Joinville é uma cidade localizada no Nordeste do estado de Santa Catarina e conta, atualmente, com uma população aproximada de 500 mil habitantes. (IBGE, 2006) Entretanto, foi entre as décadas de 1960 e 1980, principalmente, que a cidade experimentou um desenvolvimento econômico e populacional bastante avantajado. Boa parte da fisionomia (BOLLE, 2000: 40-45) da atual cidade foi moldada a partir daí. Indústrias, trânsito caótico e deficiências nos serviços públicos essenciais, entre outros aspectos, revelam o quanto ela não estava preparada para o ritmo de crescimento que lhe foi imposto.

*Fundação Cultural de Joinville – Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, Mestre em História.

A partir desse período a cidade torna-se um importante pólo de atração de migrantes na Região Sul do Brasil. Pessoas das mais variadas localidades do país para ela acorreram, carregadas das mais variadas expectativas, valores, crenças e identidades. Entretanto, esse crescimento não era somente vegetativo.

Joinville se configura, também, como um importante entroncamento geoeconômico-cultural. Tendo isso em conta, é preciso considerar que as vivências desses migrantes, anteriores ao estabelecimento na cidade, não foram apagadas, pelo contrário, serviram para compor um cenário simbólico, onde os grupos passaram a negociar os seus sinais diacríticos como forma de recompor as suas identidades. (CUNHA, 1986: 85-96)

O Candomblé em Joinville: presenças e discontinuidades

Conforme relatos, durante o período em questão a cidade já possuía cultos afro-brasileiros que se organizavam, a princípio, de forma aleatória em casas de particulares e/ou terreiros dedicados a este fim. (SLEZINSKY, 2005) Entretanto, se até cerca de 1980 as práticas religiosas afro-brasileiras estavam mais próximas do modelo umbandista, a partir de então, o cenário religioso da cidade passa a ser ocupado, também, pelos candomblecistas, com a instalação de um ilê axé na cidade.

Este ilê foi dedicado ao culto à Yemanjá e foi inaugurado em 1983 e teve diversas sedes. O mesmo funcionou até o ano de 1995, ano em ocorreu o falecimento da Iyalorixá fundadora, senhora Marli de Yemanjá. O ocorrido foi tão repentino que pegou toda a comunidade despreparada, provocando a discontinuidade da casa, já que não houve tempo para quaisquer encaminhamentos, nem uma preparação para um(a) possível sucessor(a). Reginaldo Prandi destaca que

Os terreiros de candomblé e umbanda usualmente desaparecem com o falecimento da mãe ou pai-de-santo, tanto pelas disputas de sucessão como pelo fato bastante recorrente de que os herdeiros civis (...) não se interessam pela continuidade da comunidade religiosa (...) dificilmente um terreiro sobrevive a seu fundador. (PRANDI, 2003:9)

Entretanto, em que pese o pouco tempo de funcionamento deste ilê axé várias pessoas foram iniciadas e/ou utilizavam os serviços prestados pela casa. Esse foi o caso da Sr.^a Sueli Slezinsky, uma de nossas entrevistadas. Nascida em 19/04/1957, foi iniciada para o orixá em 19.08.1981 como filha de Ogum Xorokê, sendo o terceiro barco¹ de iniciação

¹ Barco de iniciação é uma expressão que se refere ao(s) neófito(s) em período de reclusão no *runkò* (é um espaço bastante reservado, com acesso permitido somente aos iniciados onde, geralmente, as pessoas em processo de iniciação ficam recolhidas).

daquele ilê axé. Suely é natural de Joinville e acompanhou boa parte do movimento de modernização da cidade. Seu envolvimento com as questões do candomblé é parte de uma trajetória que, poderíamos dizer, iniciou-se, no próprio grupo familiar, já que como ela mesmo observou

Nós viemos de família católica. A minha mãe não aceitava ou não acreditava, ou tinha medo do espiritismo e depois, por fim, ela foi visitar um centro espírita, aqui em Joinville, e chegou um orixá nela. Foi assim que ela foi chamada para o espiritismo. (SLEZINSKY, Op. Cit..)

Depois de freqüentar diversos espaços dedicados aos cultos afro-brasileiros Sueli descobre o candomblé. Para tanto, organiza uma narrativa que agrega aspectos do arquétipo do orixá² para a qual foi iniciada, demonstrando uma sensibilidade aos sinais que indicam a necessidade da iniciação:

Comecei a ter problema de saúde, dores por todo o corpo, sono, depois insônia e eu me sentia muito agressiva, sabe. Eu via sangue, se eu visse um assunto que eu não gostasse, minha vontade era de brigar, mas aquela briga já era mais assim para, sabe? Sangue, sangue eu queria ver isso. Aí eu fui no Dr. Schroeder e ele olhou pra mim e disse: -Você não tem nada de louca! Eu tenho um monte de louco aí, me mostrou ainda, assim, sabe. Voltei, aí comecei a ter problemas no casamento e o meu cunhado, freqüentava a casa da finada Marli. Ele sempre me convidava para ir jogar búzios. - Veja esses teus problemas aí com teu marido, coisa e tal. Eu dizia: - não, amanhã eu vou! (Idem)

O fato é que a Sr.^a Suely depois de muita relutância acaba indo se consultar com a Iyalorixá Marli de Yemanjá e sua iniciação foi marcada para acontecer tempos depois. A partir de sua feitura Suely larga o emprego e passa a se dedicar profundamente à vida espiritual. Praticamente passou a residir no Ilê Axé e a cuidar dos procedimentos de preparação dos neófitos para os inúmeros processos de iniciação que a casa passou a realizar.

Ela avalia que quando do funcionamento do ilê axé de Yemanjá, apesar do candomblé ser menos conhecido na cidade, ela nunca sentiu-se discriminada, pelo contrário, a sua narrativa indica que as pessoas a tratavam com muito respeito ao saberem de sua religião. Entretanto, quando convidada a refletir sobre a relação do candomblé na atualidade com a cidade ela afirma que a imagem dessa religião está muito deturpada devido a atuação inescrupulosa de parte dos membros praticantes: *porque existe muito charlatão e por causa dessas pessoas os que querem cultivar seriamente os orixás, acabam sendo prejudicados. Orixá não é comércio! (Ibidem)*³

² “O arquétipo de Ogum é o das pessoas violentas, briguentas e impulsivas, incapazes de perdoarem as ofensas de que foram vítimas. Das pessoas que perseguem energicamente seus objetivos e não se desencorajam facilmente.” (VERGER, 1997:95) Um dos poemas de saudação a este orixá diz que mesmo tendo água em casa ele prefere se banhar com sangue.

³ A respeito do mercado religioso das religiões afro-brasileiras ver PRANDI, 2004.

Em que pese a seriedade dessa avaliação da Sr.^a Sueli, os cultos afro-brasileiros sofrem uma intensa campanha de difamação e de disputa pelo uso e estabelecimento de significados diversos para o espaço urbano. Como relatado mais adiante, a cidade ainda é refratária a determinadas expressões que destoam do discurso oficial que tenta instituir um imaginário de ordem e trabalho para a cidade.

Caso de Polícia

Sendo Joinville uma cidade profundamente marcada pelo ethos do trabalho e pelo mito do empreendedorismo teuto-brasileiro, a presença religiosa afro-brasileira neste cenário se apresenta de forma problemática, tendo em vista o reconhecimento e o auto-reconhecimento dos seus membros. Apesar de parecer anacrônico, as religiões afro-brasileiras encontram sérias dificuldades para se manifestarem em Joinville, na atualidade.⁴

As expressões de alguns dos sinais diacríticos que identificam essas religiões enfrentam, além do preconceito advindo de uma considerável parcela da população - muito vinculada às religiões cristãs conhecidas pelo sistemático combate a esses sinais-, o próprio poder público que acaba interferindo nos espaços religiosos, principalmente em função das leis ambientais que tentam normatizar e disciplinar, o volume e a intensidade dos sons produzidos pelos atabaques, a sacralização de animais, entre outros aspectos. Há relatos de que diversos terreiros foram autuados e multados, em função da inspeção feita por fiscais ligados à fundação de meio ambiente do município que, portando equipamentos medidores de decibéis, verificaram a irregularidade da manifestação sonora desses instrumentos rituais.

Entretanto, há casos muito mais graves de invasão de terreiros em plena função ritual, por parte da polícia, em função de denúncias de maus tratos aos animais e de possíveis sacrifícios de crianças. Aqui vale a pena destacar a reportagem do Jornal A Notícia, no caderno ANcidade, com circulação no município de Joinville e região, intitulada “Crime Ambiental Flagrado em Terreiro de Candomblé”.(VARGAS, 2006) Nela o repórter, numa narrativa própria de matérias de cunho policial, narra o evento ocorrido em um terreiro de candomblé, no Bairro Adhemar Garcia, na zona Sul de Joinville. A reportagem afirma que o proprietário do terreiro foi acusado por maus tratos contra os animais e pela presença de

⁴ Situações conflituosas entre práticas religiosas afro-brasileira e a ordem estabelecida eram muito comuns, por exemplo, durante o período colonial brasileiro, onde o estado tinha a religião católica como oficial. Nesse sentido é interessante citar o estudo de REIS (1989 e 2006) sobre as lideranças religiosas e os conflitos em decorrência do estabelecimento de espaços destinados ao culto dos orixás, voduns e inquices, na Bahia do século XIX.

crianças no ritual. A ação da Polícia Militar, seguida da Polícia Ambiental e Conselho Tutelar, foi motivada por denúncias de membros da própria comunidade.

A reportagem informa, ainda, que o responsável pelo terreiro foi encaminhado ao 5º DP onde passou a responder a um Termo Circunstanciado por crueldade contra os animais. Outro aspecto destacado pela reportagem foi a descrição do local onde o fato ocorreu

“em frente à residência, ontem de manhã, havia alguns sacos plásticos tomados por moscas. Mas o que mais chamava a atenção estava pendurado nas árvores: pombas e passarinhos mortos, além de ossos, que seriam de carneiros. Numa parede de concreto, dois couros de bode estavam expostos.” (VARGAS, Op. Cit..)

Esse estranhamento manifestado pelo repórter revela, pelo menos, duas situações: a primeira é o fato da conjugação, num mesmo espaço, funções residenciais e de culto e, o outro é o fato da cidade ainda não estar acostumada com manifestações dessa natureza.

É importante esclarecer que o terreiro funcionava na casa do acusado, uma modesta residência com área construída de, no máximo, 200 m², incluindo o barracão, onde ocorriam as cerimônias públicas. O imóvel está cercado por uma numerosa vizinhança, separado apenas por um muro de alvenaria, que não permite muita privacidade aos seus moradores. Vale lembrar que o candomblé é uma religião que desenvolve boa parte dos seus rituais de forma secreta, especialmente a sacralização⁵ dos animais. É um ritual muito significativo, pois é principalmente através dele que o axé é veiculado ao *elegùn*⁶ e aos materiais destinados ao culto.⁷ Nesse sentido, o espaço em questão não oferecia condições para a prática ao culto tradicional aos orixás, revelando uma adaptação do culto às condições estruturais oferecidas pelo espaço urbano.⁸

Observa-se, portanto, que o culto aos orixás em Joinville, pelo menos nesse caso, seguiu um critério pragmático, fugindo ao modelo mais tradicional, em que há uma necessidade de um espaço muito amplo, com capacidade para a construção de casas individualizadas, destinadas ao culto a orixás particulares e um espaço coletivo denominado barracão, onde ocorrem as cerimônias coletivas e públicas, além da mata/floresta, onde determinados cultos devem ocorrer. Essa organização ideal representa a configuração de algumas aldeias yorubanas africanas, em que haviam lugares destinados à privacidade, à

⁵ Optamos utilizar o termo sacralização a fim de respeitarmos o significado atribuído a este ato pelos membros das comunidades de culto aos orixás.

⁶ Termo yorubano que designa o iniciado para um determinado orixá.

⁷ Para um detalhamento maior do axé e das formas de veiculação do mesmo conferir SANTOS 1986: 46-52.

⁸ SILVA 1995, discute como o culto aos orixás se estabelece em São Paulo, num cenário de competição e resignificação do espaço urbano, em função da cosmologia yorubana.

coletividade e ao segredo, e sobretudo dos terreiros mais tradicionais da Bahia, como o Ilê Axé Opo Afonjá. (SANTOS, 1986)

Diante da situação descrita resolvemos retomar a questão, tempos depois do fato noticiado, entrevistando os principais personagens, o Sr. Marcos Tadeu Demarchi e a sua esposa Sr.^a Cristiane Demarchi. Tanto Marcos como Cristiane são naturais do estado de São Paulo. Ele da cidade de São José do Campo/SP e ela de Mogi das Cruzes. Vieram para Joinville no dia 20 de setembro de 1998, com os três filhos do casal. Marcos, com 55 anos de idade, lembrou que a sua experiência com a religião afro-brasileira iniciou-se quando ele tinha 17 anos, na Umbanda. Sua primeira entidade foi o Exu Mirim, com a qual ainda trabalha costumeiramente. Sua esposa, Cristiane é quem narrou esta parte da trajetória da vida espiritual do marido já que, segundo ela:

a entidade me contou como ele chegou até o Marcos. Então, fizeram uma entrega no meio do mato, uma montanha de doce pra ele e o Marcos, no que foi pescar, andar no mato pra matar passarinho, viu aquela montanha de doce e começou a comer, comeu, comeu. Dali pra frente caiu no vício da bebida e a entidade notou que foi devido ele ter chegado muito próximo do Marcos que ele começou a beber. Então o Exu Mirim se sentiu no direito de encaminhar o Marcos a se desenvolver, mostrando o caminho, onde o Marcos começou a desenvolver, e largou do vício. (DEMARCHI, 2006)

O desenvolvimento a que Cristiane se refere deve-se ao fato de, até então, o Sr. Marcos ter tido apenas experiências religiosas cristãs-católicas e que, depois disso, ele passou a frequentar um terreiro de umbanda onde incorporava diversos guias. Entretanto, em toda a sua trajetória, essa entidade se faz presente de forma destacada. Na umbanda ele permaneceu por cerca de 9 anos. Deste ponto em diante o entrevistado resolveu iniciar-se no candomblé e, desde então, alternou momentos de profundo envolvimento e outros de distanciamentos com as coisas do orixá.

Sua vinda para Joinville foi motivada, conforme ele por uma visão: *Houve uma aparição de um negro forte que me disse: - você tem apenas um mês para decidir o que você quer da vida no santo, partindo daí em que você se decidir a gente vai ver o que vai fazer com você.* (DEMARCHI, Op. Cit..)

A decisão tomada foi a migração de São José dos Campos/SP para Joinville. O Sr. Marcos veio primeiro, atendeu alguns clientes através do Jogo de Búzios, fez ebós, enfim, conquistou uma boa clientela. Cerca de quinze dias depois veio o restante da família. Com isso, o grupo familiar residiu em alguns bairros da cidade. Todavia, a história mais duradoura e mais plena de significado se deu no bairro onde eles residiam quando da realização da entrevista, o Adhemar Garcia. Cristiane lembrou da recepção que tiveram quando se

estabeleceram no bairro: *já picharam o nosso muro de bruxa! Verdade! Era a nossa casa e ali começamos a atender muita gente.* (Idem)

Todo esse movimento fez com que o grupo sentisse segurança a ponto de abrirem um Ilê Axé na cidade, onde o Sr. Marcos desempenharia o papel de Babalaorixá. De fato tudo parecia concorrer para essa finalidade não fosse a trágica intervenção relatada pelo jornal A Notícia. (VARGAS, *Op. Cit.*) A tragédia não advém simplesmente do fato da exposição pública dos supostos culpados em decorrência e fortalecendo ainda mais o processo de discriminação que o grupo religioso sofria, como também, para o próprio ritual. No momento da invasão o Sr. Marcos estava recolhido no *runkô* do santo, tomando a sua obrigação de sete anos, a qual completa o ciclo iniciático e dá autonomia ao iniciado para, se for o seu destino, encabeçar um Ilê Axé, exercendo a sua autoridade sobre uma determinada comunidade conforme a tradição. O Sr. Marcos foi abruptamente arrancado do seu recolhimento para a delegacia, onde foi prestar depoimentos. Esse acontecimento teve um significado nefasto tanto para a vida civil quanto para a vida religiosa do entrevistado.

Na realidade durante a entrevista, ocorrida mais de um ano depois desse acontecimento, os entrevistados tentavam compreender o que tinha significado aquilo tudo, às vezes utilizando-se de explicações de cunho racionais, às vezes com explicações espirituais. No entanto, isso tudo colocou em xeque a sustentabilidade da família no local. Era evidente o alto grau de frustração que todo o grupo familiar, consangüíneo e espiritual, ainda vivenciava. Acreditamos que isto tudo fez com que o Sr. Marcos, sua esposa e filhos saíssem de Joinville fazendo-os desistirem do seu sonho, retornando ao seu estado de origem.

Considerações Finais

Esse breve relato das experiências religiosas afro-brasileiras em Joinville, pode enganar um observador menos atento. Apesar do tom lacônico e pessimista em relação a essas experiências, o que se quer evidenciar é que não é somente através da forma política de repressão-resistência que esses grupos se fazem sentir no cotidiano da cidade. A polifonia, própria de um cenário urbano que já nasceu moderno e experimenta cada vez mais e com maior intensidade a modernidade, se descortina ao percebermos espaços outros, destoantes do *establishment*. Apesar das tentativas de silenciamento as religiões afro-brasileiras, de forma paradoxal, ocupam os espaços sonoros da cidade, fazendo literalmente “muito barulho”.⁹

⁹ Apesar das discussões de REIS & SILVA tratarem de um outro período histórico, o Brasil Colônia, o relato das relações dos candomblés com as autoridades e a população em geral, revelam que esses espaços podem ser entendidos como espaços de negociação em torno dos interesses e necessidades dos membros dessas

Todo este tensionamento pode revelar que o que está em jogo é uma disputa de poder simbólico¹⁰, o que do ponto de vista do estudo da história cultural pode compor o cenário de negociação de espaços de uma determinada etnicidade/identidade. Todavia, a olhos vistos, atualmente há uma expansão das práticas religiosas afro-brasileiras na cidade. Esse fenômeno corrobora para a denuncia de que o cimento que tenta homogeneizar a cidade normatizada, ordenada e controlada, está fendido. Entendendo que é dessa concretez fragmentada que emergem identidades outras que diversificam a cidade e estabelecem um concerto polifônico. Nesse sentido, o olhar do pesquisador deve se voltar, sobretudo, para formas de enunciação de discursos distintos, buscando compreender a complexidade da realidade.

Referências

- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da História em Walter Benjamim. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa : Difel, 1989.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense/ Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- DEMARCHI, Marcos Tadeu; DEMARCHI, Cristiane Santos Souza. **Entrevista**. Joinville, 24. mar. 2006.
- IBGE. In: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat> - acessado em 10 jul. 2006.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas Revista de Ciências Sociais**. V.3, n.1, Porto Alegre: PUC/RS, jun. 2003.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: Candomblé e Umbanda no mercado religioso. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, 2004.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- REIS, João José. Sacerdotes, seguidores e clientes no candomblé da Bahia oitocentista. In: ISAIA, Artur César (org.). **Orixás e espíritos**. Uberlândia:EDUFU, 2006.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da metrópole**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SLEZINSKY, Sueli Maria. **Entrevista**. Joinville, 05 abr. 2005.
- VARGAS, Diogo. Crime Ambiental flagrado em terreiro de candomblé. In. **Jornal A Notícia**. Disponível em: <http://an.uol.com.br/ancidade/2004/dez/08/3pol.htm>, - acessado em 28 mar. 2006.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás, deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. 5.ed.. Salvador: Corrupio, 1997.

comunidades. (Cfe. REIS, 1989, p. 32-61).

¹⁰ BOURDIEU, 1989.